

Mademoiselle Fifi

O major, comandante prussiano, conde de Farlsberg, acabava de ler o correio, reclinado numa grande poltrona de tapeçaria e com os pés sobre o mármore elegante do fogão, onde as suas esporas, durante os três meses que ocupava o castelo de Uville, tinham traçado dois sulcos profundos, em cada dia um pouco mais cavados.

Uma chávena de café fumegava sobre um velador de marchetaria maculado pelos licores, queimado pelos charutos, entalhado pela navalha do oficial conquistador que, por vezes, parando de afiar um lápis, traçava sobre o gracioso móvel números ou desenhos, ao sabor da fantasia do seu sonho indolente.

Acabadas as cartas e percorridos os jornais alemães que o vago-mestre acabara de trazer-lhe, levantou-se e, depois de ter deitado para o lume três ou quatro enormes achas de lenha verde (pouco a pouco o parque ia sendo deitado abaixo para os senhores se aquecerem), aproximou-se da janela.

A chuva caía em catadupas, uma chuva normanda que dir-se-ia lançada por mão furiosa, uma chuva de través, espessa como um reposteiro, formando uma espécie de muro de riscas oblíquas, uma chuva chicoteante, que salpicava e afogava tudo, uma verdadeira chuva dos arredores de Ruão, onde parece cair toda a chuva da França.

O oficial olhou demoradamente os tabuleiros de relva inundados e, lá em baixo, o Andelle, cheio, a transbordar; tamborilava na vidraça uma valsa do Reno, quando um ruído o fez voltar-se: era o segundo comandante, o barão de Kelweingstein, de patente equivalente à de capitão.

O major era um gigante, largo de ombros, enfeitado por uma longa barba em leque que lhe formava toalha sobre o peito; toda a sua enor-

me pessoa dava a ideia de um pavão militar, um pavão que trouxesse agarrada ao queixo a cauda toda aberta. Tinha olhos azuis, frios e mansos, uma das faces fendida por uma sabrada na guerra da Áustria; consideravam-no tão bom homem como valente oficial.

O capitão, baixo, vermelhusco e barrigudo, apertadamente cingido no uniforme, usava quase rente a barba ruiva, cujos pêlos de fogo faziam pensar, quando se achavam sob certos reflexos, que a cara lhe fora esfregada com fósforo. Dois dentes partidos numa noite de estúrdia, sem que ele se lembrasse bem como tal se dera, faziam-no cuspir palavras espessas que nem sempre se entendiam; era calvo apenas no alto da cabeça, tonsurado como um monge, com um tufo de cabelinhos frisados, dourados e luzidios, em redor daquele arco de carne nua.

O comandante apertou-lhe a mão e engoliu de um trago a sua chávena de café (a sexta desde manhã), enquanto ouvia o relatório do seu subordinado sobre os incidentes do serviço; depois aproximaram-se ambos da janela, declarando que a vida era pouco agradável. O major, homem tranquilo, casado na terra, acomodava-se a tudo; mas o barão, capitão, pândego obstinado, frequentador de espeluncas, furioso perseguidor de saias, raivava de estar encerrado havia três meses na castidade obrigatória daquele posto perdido.

Ouvindo bater à porta, o comandante gritou que entrassem, e um militar, um dos seus soldados autómatos, apareceu no limiar, anunciando, pela simples presença, que o almoço estava pronto.

Na sala foram encontrar os três oficiais de menor graduação: um tenente, Otto de Grossling; dois alferes, Fritz Scheunaubourg e o marquês Wilhem d'Eyrik, um loirinho orgulhoso e brutal com os soldados, duro para os vencidos, e violento como uma arma de fogo.

Desde a sua entrada em França, os seus camaradas só o tratavam por Mademoiselle Fifi. A alcunha vinha-lhe do seu ar coquete, da cintura fina que se diria apertada num espartilho, do rosto pálido onde o bigode mal despontava ainda, e também do hábito que ganhara, para exprimir o seu soberano desprezo pelos seres e pelas coisas, de empregar a todo o instante a locução francesa *fi, fi, donc*, que pronunciava com um leve silvo.

A casa de jantar do castelo de Uville era uma longa e real sala cujos espelhos de cristal antigo, estrelados de balas, e as altas tapeçarias da Flandres, escortaçadas a golpes de sabre e pendentés aqui e além, falavam das ocupações de Mademoiselle Fifi nas suas horas de lazer.

Nas paredes, três retratos de família, um guerreiro vestido de ferro, um cardeal e um presidente, fumavam longos cachimbos de porcelana, enquanto na sua moldura, a que os anos tinham feito perder o ouro, uma nobre dama de seio apertado exibia, com ar arrogante, um enorme bigode feito a carvão.

E o almoço dos oficiais decorreu quase em silêncio naquela sala mutilada, ensombrada pela embriaguez, tristonha pelo seu aspecto vencido, e cujo velho sobrado de carvalho se tornara sórdido como chão de taberna.

Na altura do tabaco, quando começaram a beber, depois de terminada a refeição, começaram, como todos os dias, a falar do seu aborrecimento. As garrafas de conhaque e de licor passavam de mão em mão, e todos, recostados nas cadeiras, absorviam as bebidas em pequenos goles repetidos, conservando ao canto da boca o longo tubo curvo que terminava no forninho de faiança, pintalgado como para seduzir hotentotes.

Mal o copo ficava vazio, tornavam a enchê-lo com um gesto de lassidão resignada. Mademoiselle Fifi partia a todo o momento o seu, e um soldado apresentava-lhe imediatamente outro.

Um nevoeiro de fumo acre afogava-os, e eles pareciam afundar-se numa embriaguez dormente e triste, na bebedeira taciturna das pessoas que não têm nada que fazer.

Mas o barão, de súbito, endireitou-se. Uma revolta o sacudia; e praguejou:

— Com mil raios! Isto não pode continuar, temos de acabar por inventar qualquer coisa.

Ao mesmo tempo, o tenente Otto e o alferes Fritz, dois alemães eminentemente dotados de fisionomias alemãs, pesadas e graves, responderam:

— O quê, meu capitão?

Ele reflectiu alguns segundos; depois acrescentou:

— O quê, meu capitão? Temos de organizar uma festa, se o nosso comandante der licença.

O major deixou o cachimbo:

— Que festa, capitão?

O barão aproximou-se:

— Eu encarrego-me de tudo, meu comandante. Mandarei a Ruão o *Dever*, que nos trará mulheres. Sei onde as arranjar. Prepara-se aqui uma ceia. Nada nos falta, e pelo menos passaremos um bom serão.

O conde de Farlsberg encolheu os ombros, sorrindo:

— Está doido, meu amigo.

Mas todos os oficiais se tinham levantado, rodeavam o seu chefe, suplicavam:

— Deixe o capitão tratar do caso, meu comandante, isto aqui é tão triste.

Por fim, o major cedeu. «Seja», disse; e imediatamente o barão mandou chamar o *Dever*. Era um velho subalterno que nunca ninguém vira rir, mas que executava fanaticamente todas as ordens dos chefes, quaisquer que fossem.

De pé, com o rosto impassível, recebeu as instruções do barão; depois saiu e, cinco minutos mais tarde, uma grande viatura do trem militar, coberta por um encerado de moleiro armado em cúpula, largava sob a chuva furiosa, ao galope dos quatro cavalos.

Imediatamente um arrepio de despertar pareceu percorrer os espíritos; as atitudes indolentes aprumaram-se, os rostos animaram-se, e todos começaram a conversar.

Embora a chuva caísse com fúria igual, o major afirmou que estava menos escuro, e o tenente Otto anunciava com convicção que o céu ia abrir. O próprio Mademoiselle Fifi não podia estar quieto. Levantava-se, tornava a sentar-se. Os seus olhos claros e duros procuravam qualquer coisa para partir. De súbito, fitando a dama dos bigodes, o loirinho puxou do revólver.

— Não verás o que vamos fazer — disse e, sem se levantar da cadeira, fez pontaria. Duas balas, sucessivamente, furaram os olhos do retrato.

Depois gritou:

— Vamos à mina!

Bruscamente, como se um interesse forte e novo se tivesse apoderado de toda a gente, as conversas interromperam-se.

A mina era a sua invenção, a sua maneira de destruir, o seu divertimento preferido.

Ao deixar o castelo, o legítimo proprietário, conde Fernand d'Amoys d'Uville, não tivera tempo de levar nem de esconder nada, salvo as pratas, dissimuladas num buraco numa parede. Ora, como era rico e magnífico, o seu grande salão, cuja porta dava para a sala de jantar, apresentava, antes da fuga precipitada do dono da casa, o aspecto duma galeria de museu.

Das paredes pendiam telas, desenhos e aguarelas de valor, enquanto sobre os móveis, nos aparadores e em vitrinas elegantes mil bibe-

lôs, vasos de porcelana, estatuetas, figuras de Saxe e da China, marfins antigos e vidros de Veneza povoavam a vasta sala de uma multidão preciosa e bizarra.

Pouco restava agora. Não que os tivessem pilhado: o major conde de Farlsberg não o teria permitido; mas Mademoiselle Fifi, de tempos a tempos, ia à *mina*, e todos os oficiais, nesse dia, se divertiam verdadeiramente durante cinco minutos.

O marquês foi procurar no salão o que precisava. Trouxe uma amorosa chaleira da China, família Rosa, que encheu de pólvora de canhão, e, pelo bico, introduziu delicadamente uma longa tira de isca, acendeu-a e correu a pôr esta máquina infernal no salão.

Depois regressou à pressa, fechando a porta. Todos os alemães esperavam, de pé, com o rosto sorridente de curiosidade infantil; e, logo que a explosão sacudiu o castelo, precipitaram-se todos.

Mademoiselle Fifi, que entrara à frente, batia palmas com delírio diante de uma Vénus de terracota cuja cabeça saltara finalmente; e cada um deles apanhou do chão bocados de porcelana, surpreendendo-se com os denteados estranhos dos estilhaços, examinando os prejuízos da ocasião, discutindo se certos estragos haviam sido causados por aquela explosão; e o major contemplava com ar paternal o vasto salão devastado por esta metralha à Nero e atapetado de restos de objectos de arte. Foi o primeiro a sair, declarando com bonomia:

— Desta vez saiu bem.

Mas tal tromba de fumo entrara na sala de jantar, misturando-se com a do tabaco, que não se podia respirar. O comandante abriu a janela, e todos os oficiais, que haviam voltado para beber um último cálice de conhaque, se aproximaram.

O ar húmido engolfou-se na sala, trazendo consigo uma espécie de poalha de água, que polvilhava as barbas, e um odor de inundação. Olhavam as grandes árvores abatidas sob o aguaceiro, o largo vale enevoadado pela enxurrada das nuvens sombrias e baixas, e, muito ao longe, o campanário da igreja, erguido como uma ponta cinzenta na chuva que caía.

Desde que ali haviam chegado que o campanário não tocava. Fora, de resto, a única resistência que os invasores tinham encontrado nos arredores: o campanário. O pároco não se recusara a receber e a alimentar os soldados prussianos. Consentira mesmo algumas vezes em beber uma garrafa de cerveja ou de bordéus com o comandante inimigo, que frequentemente se servia dele como intermediário benévo-